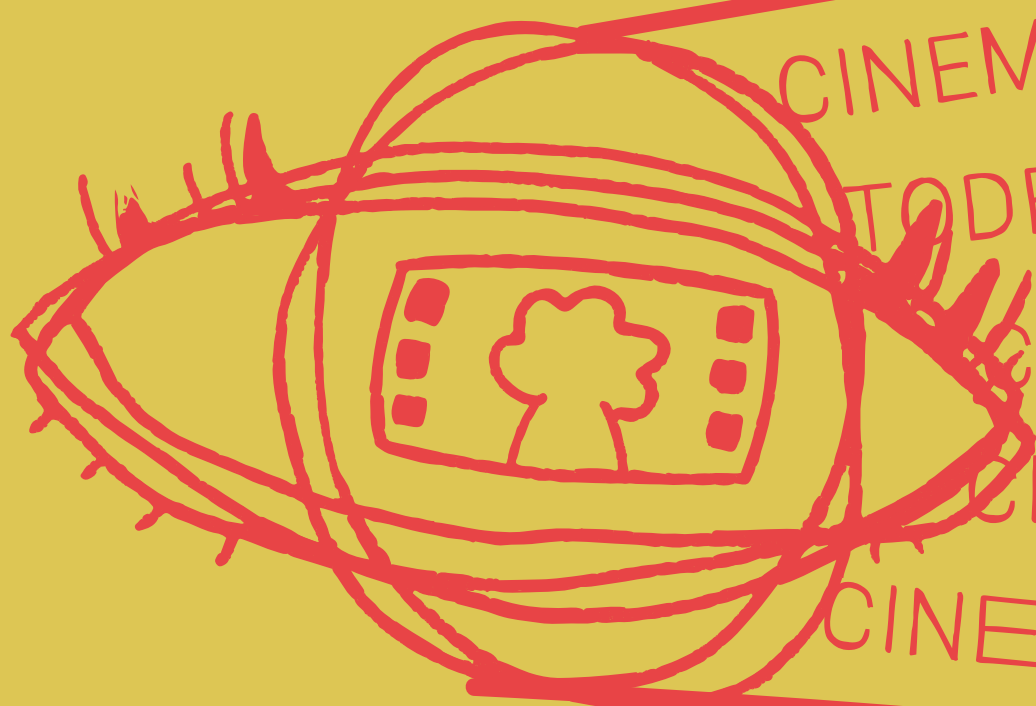


ZINE



**De 15 a 18
de novembro**



CINEMA PARA TODES CINEMA
TODES CINEMA PARA TODES
CINEMA PARA TODES CINE
CINEMA PARA TODES CINE
CINEMA PARA TODES CINEMA

CINE
CINEURGENTE
URGENTE

📍 **Maranguape - 2021**



Participar do CineUrgente foi um momento de encontro e reencontro comigo mesma. Reencontrei Érico Oliveira, pessoa querida que conheci no curso de Comunicação da UFC, sempre calado e escutando - dizem que escutar é uma das maiores qualidades. Fizemos juntos, eu e Érico, a escolha de 12 jovens para participarem de uma oficina de “Crítica e escrita de cinema urgente”. Ao selecionar os jovens e conhecê-los(as), me reencontrei enquanto juventude da classe trabalhadora e popular que, também, buscava trilhar meus caminhos na comunicação. Foi assim que me identifiquei com cada momento desse processo. Tudo foi uma espécie de “nós no plural”, como diria Paulo Freire.”

-Catarina Oliveira (Avaliadora da equipe crítica do CineUrgente)

SOBRE A SESSÃO:

Brasis, existimos todos (nós)
no mesmo universo, o nosso.

Por Lídia dos Anjos

Dar nome é uma escolha que representa a magia de como será conhecido, chamado e representado diante da imensidão que será representada aos olhos e ouvidos, no mundo. O “CineUrgente”, por exemplo. Que nome é esse? “Banho de Chuva”, nome do coletivo que articula esta ação, que tem a “Sessão BRASIS”, outra escolha de nome que nos remete a pensamentos diversos sobre os porquês dessa escolha.

Fico pensando se era um dia/noite chuvoso e tomaram um banho de chuva e, no meio de uma conversa descontraída, debaixo duma biqueira, surgiu a ideia de construir uma coletividade com tal nome. Especulações surgem ao pensar em como se dar e quem constrói a Sessão BRASIS. Não sei...talvez, eu esteja inventando conversa fiada para tentar entender “que cine-clube é esse?” que eu e nós fazemos parte.

Quando você me ler, eu, Lídia, quero que você me leia como o eu-você leitor. Sim, você, pois nessa imensa loucura de pensar o nós, os nomes, a escolha das palavras, encontrei bastante Eu, mas não só o eu-Eu, e sim o eu-Nós, o eu-Você, e a interseção de Nós. Bem, quer dizer, não tenho certeza que encontrei toda a nossa matemática.

Confesso que nessas contagens do período das oficinas para pensar a escrita e crítica, pensando nossas urgências e assistindo aos filmes de Higor Gomes, Thamires Vieira, Rafael Luan e Lincoln Péricles, ensaiando para esse momento, o momento de deixar nossa escrita no mundo - no nosso mundo, para os nossos, para nós

eu acabei criando universos que nos amontoava com partilha de vivências. Não apenas de ser pessoas pretas e/ou pessoas periféricas, mas do que nos liga (que não é o racismo) a subsistências impostas a nós, sem meios de uma mudança que não seja destruindo o que nos é posto.

O que nos liga, a nossa matemática, como chamei mais acima, é a nossa interseção: a nossa ancestralidade, o banzo. Nossa “numenclatura”, isso mesmo, de números, somos contados de tantas formas que acredito que posso criar essa palavra para meus dizeres aqui, é uma sensação que transmite quando nos vemos e nos sentimos e nos cuidamos e nos reerguemos. Aqui que paramos para falar com e para os nossos, aqui nos enlaçamos, nos aquilombamos. A rachadura que vemos nesse cis/tema racista se solta, e juntados somos o mesmo, somos um povo. Aqui sinto que somos um e estamos em todo lugar.

Os subtextos apresentados nos silêncios, nas palavras não ditas e nas que são proferidas- representando mais do que a própria palavra e sua etimologia dicionária, mas que está inserida em um contexto que cria laços entre a obra, o espectador e ancestralidade, faz com que tenhamos um diálogo acontecendo e que eles, se fazem necessário, para que estejamos agora aqui destruindo o que eles insistem em reconstruir diariamente há mais de 500 anos, não sabem, não entendem e se perdem na tentativa de tentar nos parar.

Então, vocês “eles”, que se postam antirracistas, anticolonizadores, antimachistas, anti, anti, anti às nossas opressões, arregacem as calças, abram seus ouvidos e coloquem um zíper na boca, pois nós estamos falando: escutem, aprendam, compartilhem o que ensinamos, e não tentem ser o foco das nossas conquistas, pois, somos muitos e estamos impermeáveis. Nunca parando na pista, nos abismos, cheios de banzo, com pavio curto, resgatando imagens da mente para forrar a vastidão, resolvendo sair porque sabemos que é ruim ter que trabalhar, principalmente no dia de domingo. Mas já tomamos muito banho de chuva, já nos molhamos, sabemos correr e temos ginga e agilidade, até enquanto dormimos estamos nos preparando para a nossa tomada.

CONHEÇA ES REALIZADORIES:



Higor Gomes (MG)

Diretor, roteirista, fotógrafo e montador. Graduado em Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário UNA. Integra a Rede de Talentos do Projeto Paradiso. Seu filme IMPERMEÁVEL PAVIO CURTO (2018), recebeu o prêmio Zózimo Bulbul no 51º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.



Lincoln Péricles (LKT) (SP)

Nasceu e mora no bairro do Capão Redondo, quebrada na zona sul de São Paulo. É diretor, roteirista, montador e educador popular. Além disso, mais de 15 anos trabalhando com filmes independentes produzidos em sua quebrada, que circularam entre cineclubes e coletivos periféricos,

banquinhas de camelô, becos e vielas, e eventualmente em festivais nacionais e internacionais.

IMPERMEÁVEL PAVIO CURTO De Higor Gomes Por Gabriela Gondim

Gostaria que soubesse que essa é a minha primeira crítica escrita e será um prazer compartilhar com você. O filme "Impermeável pavio curto" me chamou a atenção pela cartela de cores mais terrosas e secas. Ela realmente contribui para o misto de emoções da personagem principal e o turbilhão de coisas que a mesma sente. A construção é linda, bem enquadrada e, fotograficamente falando, impecável.

Um detalhe que me foi identificado e que achei peculiar foi que, nas duas cenas onde Jaque e a tia conversam, sempre há na mesa dois copos com líquidos. Nas duas cenas, o copo da Jaque sempre está quase vazio, e o da tia, ao contrário, mais cheio. Não sei se foi proposital mas me chamou a atenção. Claramente, Jaque não se sente enquadrada e há muita raiva dentro de si. Ela não sabe como expressar isso, o que resulta nos maus hábitos de violência na escola. Uma cena onde se expressa muito bem isso é no momento em que a personagem se pega imaginando batendo na menina e como ela é “acordada” pela outra colega que estava tentando inseri-la na conversa, para se distrair, e consegue se perceber pelo olhar toda a raiva e o ódio reprimidos, prontos pra explodir.

Tendo em vista que é a fase mais problemática da nossa vida, ela passa por tudo de forma brusca e delicada. Acredito que esse ódio vem muito da relação entre ela e a mãe, que não é apresentada como algo bom, segundo a reação da personagem, quando sabe que provavelmente irá voltar a morar com a mãe.

Conseguimos sentir cada mudança só pelo olhar da Jaque, que claramente não tem uma vida muito estável no campo familiar, mas tem a tia como ponte de apoio, que porém, no final, acaba meio que “desistindo” da Jaque, indicando que seria

melhor ela retornar a viver com a mãe. Jaque não gostou da ideia, porém permanece insípida e acaba chegando à conclusão apresentada mais acima, de que realmente ela não se sente encaixada no mundo, e no final encontra, por alguns momentos, enquanto sobe na sua bicicleta, um vago sorriso, mas que indica esperança.

Jaque, indicando que seria melhor ela retornar a viver com a mãe. Jaque não gostou da ideia, porém permanece insípida e acaba chegando à conclusão apresentada mais acima, de que realmente ela não se sente encaixada no mundo, e no final encontra, por alguns momentos, enquanto sobe na sua bicicleta, um vago sorriso, mas que indica esperança.

É mais uma carta de admiração e agradecimento por essa obra existir! Trabalho incrível e que merece reconhecimento. Gratidão.

FORRANDO A VASTIDÃO

De Higor Gomes
Por Lídia dos Anjos

Pandemia, o mundo parou. E agora, o que fazer? Esse foi um dos pensamentos mais comuns entre as pessoas: o medo, o ócio, a angústia. Aí vem o online, e as suas possibilidades, mas o online também estava, está saturando. O maior número de infectados e mortos pela Covid-19 são de pessoas negras e das periferias, o vírus não fez essa escolha, mas o sistema sim! A falta de estrutura para as vítimas do capitalismo, nesse contexto, foi e é mortal em muitos casos.

Não exatamente pela falta de atendimento médico, mas pela falta de possibilidade de evitar a contaminação, já que pessoas que pertencem a essa condição social não tem como ter uma boa alimentação, comprar máscaras, usar álcool em gel...

muitas nem água têm para o banho! A realidade é que a Covid-19 e suas variantes que não fazem escolha, porém, têm mais chances de sucesso com o abandono que uma parte da população, um povo, o nosso, nós, que vivemos à espreita da sorte.

Higor Gomes, ao assistir seu filme, foi impossível não pensar no contexto que ele foi gravado - talvez seja a razão, inclusive, de ter

de ter construído este filme tão pertinente ao momento em que vivemos. Lia, personagem de Maria Edna de Paula Gomes, forrando a vastidão de seus dias se prepara para o novo, faz o que devemos fazer mesmo que não estejamos em tempo pandêmico, pois para nós não existe outra fórmula a não ser permanecer nos preparando para as adversidades que somos acometidos.

Lia é como uma guerreira, que se prepara para o que não sabe, mas que sabe que sempre chega o momento de guerrear. É como a personagem principal de Octavia Butler em "Obsessão Positiva", que o nome agora me falha a memória, a Covid-19 me deixou meio sem cabelos e com lembranças falhas, mas viva e podendo aprender a preencher minha vastidão.

Acredito que precisamos pegar uma bacia e contar os dedos, pra saber como o próximo ano vai ser. Crer nas nossas credices é também uma lição, conversar, se reunir à mesa para uma refeição em família, comer, respirar, comemorar a vida. Aparentemente, Lia não sai em nenhum momento de casa, mas cria um universo de possibilidades dentro de seu castelo. Um silêncio cortante, preenchido pelos toques, alisados, respiração.

Um filme sensível, leve, acolhedor, em meio a tanta violência. A riqueza de mostrar a pele, o brilho, o olhar, o tocar. "Forrando a Vastidão" tem a força de uma mulher, de uma mãe, de uma artista em meio a pandemia, se perguntando "E agora?" e Lia respondendo, com seu cotidiano, e nós recebemos e vamos pegar nossas espadas, aprender a dançar e cortar o espaço e o tempo.



RUIM É TER QUE TRABALHAR De Lincoln Péricles Por Lídia dos Anjos

Lincoln, o capitalismo nos diz que trabalhar é bom, e você vem aqui e coloca o nome do seu filme de “ruim é ter que trabalhar? Que audácia! Obrigada, obrigada pelo título. Quem quer acordar as 4h da madrugada, ainda escuro, pegar ônibus lotados, ou ir de bicicleta em vias que não são pensadas para trabalhadores ciclistas e chegar em um emprego que come mal, paga mal, ocupa o dia inteiro e nos faz não ter qualidade de vida alguma, e no fim nos mata de tanto trabalhar? Pensando em sua fantástica forma de denúncia, seu filme, percebo que não estamos falando sobre o gostar ou não de trabalhar, mas sobre o ter que trabalhar, quando não temos essa escolha, apenas a necessidade, não dá para pensar no que gosta de fazer, não existe essa oportunidade, faço tal afirmação pensando no que possivelmente gostamos de fazer, nós aqui que construímos o Cineclube Urgente e uma pá de gente que partilham a vivência de diversas mesmas fissuras, alheio ao que muitas vezes precisamos fazer para manter vivo esse nosso corpo violentado diariamente pelo desenfreado capitalismo que diz coisas como “o trabalho engrandece o homem” frases que se tornaram ditados populares que nos enquadra em uma qualidade de vida que patrão nenhum quer, mas oferece a seus funcionários. E você tem um outro filme com esse título, não é? Péricles, você é perigoso, seu conhecimento, rapaz, faz eles tremerem, por nós, por favor, continue tocando terror.

Que potência, no Brasil, onde o sonho de grande parte da molecada da periferia é ser jogador de futebol, você traz um filme real, sobre a sonhada copa do mundo, que nos coloca no centro de tudo, na mão de obra, barata. Um evento mundial, bilionário, mas que não vai mudar em nada a vida da população pobre desse país (realmente para nós nada mudou, na verdade piorou) governado por quem nunca pensou em mudar de fato as estruturas que nos oprimem, na verdade

só buscam mais e mais formas de nos fazer dependentes desse sistema explorador. formas de nos fazer dependentes desse sistema explorador.

Eu tenho que me ater mais ao seu filme aqui, seus planos, cores e os eteeteras cinematográficos, mas como é possível se você me faz fugir do obvio e pensar na nossa existência? Bom, mas posso dizer sobre os áudios off enquanto tinham imagens de objetos, equipamentos de trabalhos, fios, demonstração de precarização dos espaços de trabalho, placas de “... Proibido acesso ao campo”. E você ainda vem com um cara negro dormindo no banco de um ônibus, sentado, descansando, fumando um cigarro, olhando o tempo, pensando? cara, você quer que eu pense o que com o seu filme? Que você não é qualquer cineasta que ganha equipamentos e um carro dos pais aos 18 anos para fazer filmes de apartamento quando entra na federal e na primeira aula vai com sua blusa passo porque sei” (podia ser passo porque meu pai é burguês)? Sim, você não é, mais uma obviedade aqui. Você é o cara, que faz filme de verdade, que coloca a gente no centro, faz a gente tá no teu filme, eu aqui, na periferia do bairro Parque Jerusalém do Grande Bom Jardim, em Fortaleza - CE, me sinto parte das suas obras fílmicas aí. Lincoln Péricles, sinto que ainda poderia passar um tempo aqui transcrevendo a nossa conversa em meus pensamentos, mas estou agora com a lembrança que você vai ler e sabemos que não temos tanto tempo para bater papo assim, então vamos deixar mais para um próximo encontro nosso, nem que seja assim novamente, cada um no seu canto e levando um aos outros por onde dominar a nossa arte. Fé no sonho que você tá fazendo se tornar real. Abraço!



RUIM É TER DE TRABALHAR De Lincoln Péricles Por Thiago Campos

Gosto de assistir os filmes e tentar, mesmo que de maneira despretensiosa, os definir em única frase. Mesmo com as minhas limitações, poder escrever resumidamente sobre o que a obra fala é fundamental para o meu processo de análise como expectador daquelas histórias, mas isso nem sempre é uma tarefa fácil, visto que, as vezes quem realiza determinado filme não necessariamente quer falar sobre algo que se faça entender, porém o filme “Ruim é ter de Trabalhar”, de Lincoln Péricles, é justamente o contrário disso, pois trata-se de um filme incrivelmente simples de se entender, apesar de apresentar certa complexidade nas temáticas que nos são levantadas.

A primeira coisa que gostaria de estipular aqui é que trata-se sumariamente de “filme-montagem-discursivo”, se é que isso existe, pois examinando os aspectos estruturantes dessa obra é possível apontar para lugares que tornam a montagem e o discurso norteadores máximos dessa narrativa.

É possível olhar, por exemplo, para o papel importante que a fotografia estática dos materiais de arquivo tem nessa narrativa, uma vez que, além de ambientar quem assiste, nos faz imaginar toda uma convivência trabalhista baseada principalmente na precariedade, e por conta disso, acredito eu, essas fotografias ocupam a maior parte da obra, sendo guiadas por entrevistas sonoras que falam de maneira bastante crítica tanto sobre o processo exploratório do trabalho na cidade de São Paulo, como também nos remete diretamente ao sistema de gentrificação de áreas, antes periféricas, mas que devido a construção de mega obras se tornam áreas nobres, passam.

Acredito que essa obra tem sua mais notável importância na justa medida em que se contrapõe ao olhar fetichista das classes brancas abastadas, que têm sobre os corpos pretos e periféricos uma espécie

de reafirmação sociológica do outro como eterno operário, mostrando esses corpos sempre em uma postura muito servil bem alinhada com o trabalho exercido e difundindo uma idéia moral meritocrata.

Lincoln Péricles vai de encontro a essa ideia apresentando outras perspectivas quando realiza esse filme, que revela a cidade de São Paulo e seu antigo slogan “Locomotiva do Brasil” como um lugar de falácias e contradições que danifica os corpos periféricos que a constroem com toda a força de seus trabalhos.

FILME DE DOMINGO De Lincoln Péricles Por Lídia dos Anjos

Olá Lincoln, ainda não nos conhecemos, mas eu já ouvi falar muito de você, por palavras de bocas benditas fiquei curiosa do que você apronta por aí, na “selva de Pedra”, ouvi essa expressão hoje sobre aí, e lembrei de você. Eu já te escrevi, não sei ainda se você já leu, na outra carta você tinha me deixado com sangue nos olhos querendo botar fogo em tudo, ainda quero, para lhe falar a verdade, mas agora quero falar com você de sonhos, pois é, seu filme, Domingo, como o dia de hoje, me lembrou a menina que eu fui e meus sonhos. Lembrei o caldo de cana que eu via quando aos domingos ia com minha mãe fazer cobranças no Canindezinho, um bairro daqui de Fortaleza, pertinho do meu, inclusive digo que moro no Canindezinho porque as pessoas não sabem da existência do Parque Jerusalém, mas temos até ônibus com o nome daqui. Estou aqui me apresentando porque sinto que te conheço um pouco e como estou te escrevendo quero que saiba um pouquinho quem sou e talvez porque te escrevo assim, abobada por sua arte. Domingo me deixou curiosa de você, de como você pensou um filme tão belo, cheio de vida, recheado de poesia e homenagem.

Domingo é realmente a demonstração do dia de feira, ainda estou pensando no pastel, a pequena Duda saboreando seu pastel foi lindo e deu água na boca, mas a

manga não tem como, é uma realização comer, - ficar todo melequento e cheio de fios nos dentes, hum.

Brinco aqui um pouco para que eu mesma possa engolir o que traz seu filme, que diante de tanta poeira que jogam, tentando acinzentar a arte que é realizada na periferia, você cobre a luz do poste e deixa a cena reinar. Um médico indígena, bonito, bem vestido, consciente, que se ama e ama sua família, cuidadoso para manter a história dos seus viva, uma mulher indígena, bem cuidada, artista, bonita, que se ama, se cuida e é realizada, uma criança que brinca, é ouvida, sonha., realiza, tem um sul no seu horizonte. Uau! Não é comum encontrar filmes que coloquem esses personagens em uma tela de cinema, contanto história, comento, estando em foco. Mas aqui em seu Domingo essa é a única possibilidade, pois você junto aos seus já sabem e realizam um cinema em que o foco é a vida e a potência de ser quem somos.

“Cinema é compromisso”, assisti um vídeo você falando isso, quando falava sobre Domingo, é impossível não perceber que você pratica o que acredita assistindo a seus filmes. “Alegria virou lição, deixa eu ir a luta.” Vou levar essa frase comigo, assim como os diálogos sobre ancestralidade e a beleza do descanso, da soneca abraçada, do bom humor ao ser acordado por uma criança como o Tio personagem de Adriano Araújo faz lindamente, brincar de se cuidar como a Mãe, representada por Francineide Bandeira Isaú e Maria Eduarda Isaú.

Já pensou tio? Outras crianças entendendo o poder de contar a história de onde vivem, aprender a história do seu povo? A Duda é a demonstração das possibilidades de criar uma criança forte, que se reconhece e sabe a força a sua palavra. Essa é a família que queremos assistir, que nos reconhecer e podemos nos espelhar.

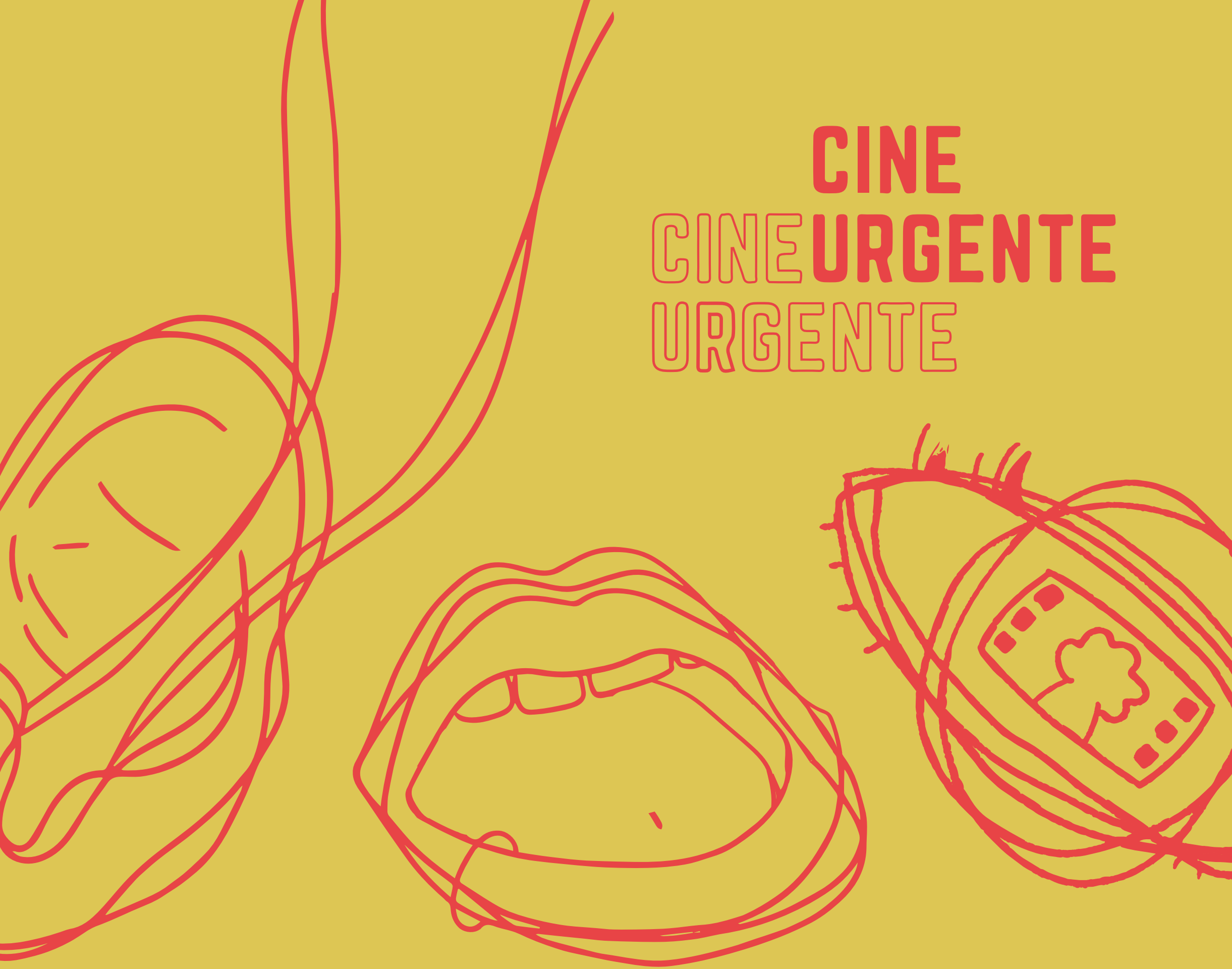
“É necessário creditar que o sonho é possível” Racionais MC's diz na música o que você traz em seu filme, não que seja fácil, mas que as possibilidades de forjar os caminhos já foram traçadas pelos nossos antepassados e a gente tem que seguir buscando, e não deixar de voltar e se abraçar sempre pra se fortalecer, um dia em família, lem-

brando o que importa, para não ficar cheio de não me toques, pois a gente gosta de se tocar.

Obrigada Lincoln, a você e a sua galera, vocês entram em no set pra vencer e como nada pelos seus filmes é em vão vamos ficar por aqui com mais um pensamento trazido em vestes e versos: Do Banzo a Orun. Abraços de Lidia dos Anjos. Para Lincoln e sua quebrada. Até a próxima, e continue fazendo sonhos se tornarem realidade.



CINE CINEURGENTE URGENTE



Realização:



Parceria:



Apoio:

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTERIO DO TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL